



AUTORES AMAZÔNICOS NA ESTANTE: UM OLHAR SOBRE O ACERVO DE UMA BIBLIOTECA ESCOLAR

Nilo Carlos Pereira de Souza

Professor da UFPA

nilocarlos7@gmail.com

Paulo Demetrio Pomares da Silva

Mestrando em educação - UFPA

pddemetrios@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo investigar a presença de obras de autores da Amazônia paraense em uma Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental da cidade de Belém do Pará a partir de um olhar sobre a Biblioteca Escolar. Assim, realizou-se uma pesquisa que contou com consultas ao acervo e análise de documentos como planilhas e livros de registros de obras catalogadas pela escola, sob a supervisão do Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Ensino de Belém (SISMUBE). Com o apoio dos estudos de Silva (2009), Campello (2005), Soares (2008) entre outros, buscou-se ainda refletir a respeito da necessidade de Bibliotecas para a difusão e fomento a leitura no âmbito escolar, bem como apresentar um breve relato de experiência em mediação de leitura.

Palavras-chave: biblioteca escolar, formação de leitores, autores amazônicos.

INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou verificar a priori a presença de obras literárias de autores da região amazônica, particularmente do estado do Pará, em uma biblioteca escolar, pertencente à Rede Municipal de Ensino de Belém (R.M.E) localizado na bairro do Tenoné, no distrito de Icoaraci. Assim, realizou-se, uma pesquisa que contou com visitas a escola em questão, qual seja E.M. Paulo Freire, para a realização de consultas ao acervo e análise de documentos como planilhas e livros de registro de obras catalogadas pela referida escola. O estudo propõe ainda uma reflexão sobre a importância de bibliotecas escolares para promoção do livro e de leitura, além de apresentar um breve relato de experiência com mediação de leitura desenvolvidos nesses espaços culturais. Para tanto o referido trabalho apoiou-se nos estudos de Magda Soares, Paulo Freire, Bernadete Campello e Ezequiel Theodoro da Silva entre outros.

A História da educação brasileira tem nos mostrado que a discussão sobre a importância de bibliotecas escolares para o fomento a leitura está longe de ser pauta



recente na agenda de educadores e intelectuais preocupados e atentos a esta questão.

Como exemplo, podemos citar Lourenço Filho, importante liderança do movimento da Escola Nova, que já nos primeiros anos da década de 1940 chamava a atenção em seus textos para necessidade de bibliotecas escolares. Filho, citado por Silva, salienta que:

“ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...]; ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto.” (2009, p.187)

O educador não deixa dúvidas quanto ao seu posicionamento em favor da existência de bibliotecas no interior das escolas para que o ensino e o estímulo à leitura possam ser realizados de forma satisfatória. Além disso, uma realidade presente em boa maioria das escolas de nosso País corrobora com a defesa da existência de bibliotecas escolares: os conteúdos prescritos pelos programas curriculares oficiais das diversas áreas do conhecimento são oferecidos basicamente através de textos escritos. Em outras palavras, a dinamização do processo de ensino-aprendizagem realizado no chão da escola pelo professor acontece, notadamente com a utilização de materiais escritos impressos em livros didáticos, paradidáticos, periódicos etc.

A esse respeito Silva é enfático ao afirmar que:

... apesar da presença ostensiva de argumentos oriundos do grupo “futurista imagético” (aqueles que radicalmente defendem a ideia de que a “imagem” é o principal meio de comunicação entre os brasileiros) ninguém de sã consciência pode negar que os conteúdos propostos na maioria das escolas nacionais circulam por meio da escrita (manuscrita, impressa e/ou virtual). Mesmo com o veloz advento dos meios áudio visuais para a transmissão da cultura, no âmbito das escolas, a ênfase ainda permanece sobre os modos verbais de comunicação, ou seja, do falar e ouvir, do ler e escrever. Nesse sentido, com raríssimas exceções, as informações técnicas e a literatura são apresentadas aos nossos alunos a partir do livro ou similar (jornal, revista especializada, compêndio, apostila etc. O Brasil, dadas as condições de suas escolas oficiais, ainda está muito longe da utilização objetiva de outros recursos, diferentes do texto escrito ou do texto oralizado, para a efetivação das práticas pedagógicas formais. (p.188)

A cena escolar muito bem observada e analisada por Ezequiel da Silva reforça o pensar que os recursos audiovisuais podem ser uma realidade em um certo número de escolas brasileiras, isto é, podem até fazer parte do conjunto de equipamentos pedagógicos de algumas instituições de ensino. No entanto, o processo da educação



formal no contexto escolar continua a se dar nos dias atuais indubitavelmente por meio da palavra em sua dimensão oral e/ou escrita.

UM OLHAR DE DENTRO: EXPERIÊNCIAS COM MEDIAÇÃO DE LEITURA

Em diálogo com alguns estudiosos desses espaços de cultura e lazer cabe aqui compartilharmos um pouco de nossas experiências de professores que, por um período de nossa vida profissional, tivemos a oportunidade de atuar como mediadores de leitura em bibliotecas da rede pública da cidade de Belém.

Ao refletirmos sobre o tema biblioteca escolar e leitura considerando “um olhar de dentro” da Instituição, isto é, a partir da participação ativa da vida da escola e das discussões pedagógicas sistematizadas em Reuniões, Palestras, Jornadas, Fóruns, Encontros entre outras formas de organização de diálogos entre docentes, família, equipe técnica e gestora. Vendo por esse ângulo, não foi difícil notar distâncias entre o refletir e o agir, entre o pensar e o realizar quando o assunto era contribuir por meio da biblioteca escolar com o processo de emancipação intelectual do educando. Dizemos isso porque durante os referidos eventos de diálogos havia um unânime reconhecimento dos livros e da leitura como instrumentos indispensáveis para a vida dos educandos. Porém, ao chegarmos à escola o que encontramos? A biblioteca fechada para visitação e, pior, funcionando como um depósito de livros empoeirados, mobílias danificadas e quinquilharias diversas (restos de adereços de festa junina; orelhas de coelho da páscoa; pedaços de baquetas e uniformes do desfile escolar; sobras de alegorias do baile carnavalesco etc.). Guardadas as devidas proporções, é preciso dizer que quanto mais conhecíamos a escola, mais percebíamos a pouca ou nenhuma disposição do coletivo profissional em mudar aquela realidade. As razões para justificar a falta de atitude diante do problema eram muitas e bastante variadas. Enquanto mantínhamos aquecida a conversa com os nossos colegas de trabalho na esperança de conquistar parcerias, nos movíamos no sentido de pensar alternativas para revitalizar o espaço de leitura com a máxima urgência e devolvê-lo a comunidade escolar. O caminho encontrado não foi outro se não estabelecer uma parceria com os próprios alunos da escola. Sim, aqueles mesmos que participavam (ou não) da festa junina, do desfile escolar, da celebração da páscoa, do time de futebol etc. O trabalho intenso, prazeroso possibilitou que em pouquíssimo tempo conseguíssemos, reorganizar o ambiente tornando-o um lugar mais convidativo para o encontro com os livros e a leitura.



“Esse rio é minha rua/minha e tua mururé/piso no peito da lua/deito no chão da maré.”

Ruy Barata

Há de se reconhecer que em decorrência das muitas lutas implementadas pelos movimentos sociais, o direito ao respeito à diversidade cultural do País está posto em muitos currículos escolares oficiais, seguindo determinações da lei Diretrizes e Bases (LDB), emendas, portarias entre outros dispositivos legais editados pelo governo federal. Se tomarmos as recomendações relacionadas à criação de biblioteca escolar como exemplo, veremos que o Ministério da Educação (MEC) orienta que o acervo deve ser o mais diversificado possível na perspectiva de atender diferentes faixa-etárias, múltiplos interesses, diferentes culturas etc. Assim, Segundo o MEC, o acervo

...deve ser o mais diversificado possível, para contemplar os mais diferentes interesses, gostos, motivações. Assim quanto maior for a diversidade de títulos disponíveis no acervo, maior a probabilidade de ampliação do universo de referências do leitor. (Pereira, p.12).

As orientações oficiais aqui pautadas, nos obriga a recuperar uma questão já exposta em um momento anterior desta exposição: entre a letra de lei e a realidade existem abismos. Um flagrante dessa contradição entre discursos governamentais e realidade pode ser observado no resultado da pesquisa realizada em uma Biblioteca de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, da cidade de Belém do Pará, localizada no bairro do Tenoné, no período de 2017.

O trabalho que teve como ponto de partida os debates nos encontros do **Grupo de Estudos Literários Amazônicos e Formação do Leitor**, vinculado ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará-ICED/UFPa, objetivou identificar no acervo bibliográfico autores de textos literários da Amazônia paraense mediante consultas as estantes e análise de planilhas e livros de registros de obras da Biblioteca. Os dados levantados evidenciaram expressivas limitações no acervo quanto a existência de livros de escritores paraenses. Até o final da pesquisa, a Biblioteca contava com três mil quatrocentos e vinte e oito livros. Deste total, cerca de um mil novecentos e quarenta foram classificados como livros de literatura de gêneros variados, sendo que entre estas obras identificamos apenas oitenta e quatro autores do Pará, e duas antologias de escritores locais, ou seja, menos de um por cento do acervo era composto por escritores



da Amazônia paraense. Ao ampliarmos o olhar além dos nossos limites geográficos, foi possível identificar ainda dois autores do Estado do Amazonas e quatro publicações de escritores indígenas. (inserir roda pé com o nome dos autores: Thiago de Mello e Marcio Souza (AM); Yaguarê Yamã, Kanatyo Pataxó Kaká Werá Jecupé e Daniel Munduruku). Assim, Mesmo quando nossa observação ultrapassa as fronteiras do Estado do Pará, notamos que o quadro de carência de escritores amazônicos nas estantes não se altera, ao contrário, torna-se mais grave e crítico a medida em que fica evidente que quem está sendo invisibilizado pelas políticas de fomento a leitura não é somente o Pará, mas a região Norte do País como um todo.

É oportuno ressaltar que os documentos analisados deixaram ver que uma grande parte das obras pertencentes ao acervo da Biblioteca Escolar é oriunda de programas federais, a exemplo do Plano Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE) e do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE). Outra parte foi adquirida pelo poder público Municipal via compra de acervo e doação, conforme quadro abaixo: gráfico em anexo)

FNDE / PNBE	SEMEC / SISMUBE	OUTROS	TOTAL GERAL
1354	1831	243	3428

Fonte: arquivo da escola

Os dados nos mostram, que as políticas de fomento ao livro e a leitura protagonizadas pelo MEC reforçam as desigualdades regionais quando desconsideram a diversidade de escritores do País, isto é, as políticas nacionais de promoção de leitura concentram-se na região centro sul. Vale dizer ainda que as políticas locais de aquisição de obras não tem sido suficientes para desfazer tais desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitos os desafios que constituem a empreitada concernente à democratização do acesso a leitura de textos de autores regionais. Tendo em vista o pouco acervo encontrado em uma biblioteca escolar da R.M.E referente a obras de escritores paraenses, notou-se o pouco valor que o poder público confere aos autores locais. Ressalta-se que foi oportuna a análise de documentos os quais deixam ver que grande parte das obras que compõem o acervo da biblioteca da escola investigada é oriunda de



programas federais; a exemplo do plano nacional de biblioteca escolar (PNBE) de Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE) em fim, constatou-se também que outra parte do acervo da biblioteca foi adquirida pelo poder público municipal.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 10º ed. S. Paulo. Autores Associados. Cortez 1985.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2008.

PEREIRA, Andréa kluge. **Biblioteca na escola/elaboração**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Biblioteca escolar: da gênese à gestão**. In: ZILBERMAN, Regina & ROSING, Tânia M.K. (Orgs). **Escola e leitura: velha crise novas alternativas**. São Paulo, Global, 2009. p. 187-188.